

Episódios

Roubam-me deus, outros o diabo

A minha cabeça é uma casa assombrada.

Dentro de mim, um tumulto de almas penadas espiando culpas de que estão inocentes.

Caminho por entre pessoas que não entendo, como se o riso fosse uma alucinação e a alegria uma obscenidade.

As minhas memórias são fantasmas que me acompanham para onde for. Amigos que tombaram pelo caminho, que me recuso a esquecer. Juntos, rimos e lutámos, e agora falamos em segredo, para não acordar a indiferença do mundo.

Querem que a gente volte da guerra como se nada tivesse acontecido, porque não querem ser assombrados com os menores. Nós falamos dos tiros e dos furos das balas na pele. Das minas e do interior dos corpos que fica à vista. Dos sons da guerra próximos do limite da frequência sonora audível, e que às vezes ultrapassam esse limite e deixam de se ouvir, como se estivéssemos num filme mudo. Falamos do cheiro do sangue fresco e da carne ainda pulsante. O osso limpo, os tendões cortados e as fibras dos músculos rasgadas. Durante meses não se pode ver uma coxa de frango; depois acabamos por falar disso como se fala de um ofício a que nos dedicámos.

O Manel até tirava fotografias. Eu: Ó furriel, essas fotos são pra não se esquecer disto? E ele para mim: Ó Zé, nós nunca nos vamos esquecer disto até morrer.

Acho que ele, com o tempo, foi criando uma raiva contra aquilo tudo, enquanto eu ia aceitando as coisas para poder aguentar, para poder sobreviver. Andámos ao contrário para obter a mesma coisa. Depois, de repente, disseram-nos que tudo o que dantes era inevitável, tinha de acabar, e deixámos de ser precisos. Só servíamos para alimentar a guerra, como lenha para a fogueira, e decidiram apagar a fogueira e deitar a lenha fora. Regressámos a um país diferente daquele que nos enviou para lá, e tudo o que fizemos passou a estar errado, do dia para a noite. Num país em que a ignorância é obrigatória por lei, podemos ser apanhados com uma arma na mão como um bombeiro de mangueira em punho para apagar um fogo onde há uma inundação.

O Manel a tirar fotografias, como se quisesse reunir provas para demonstrar que a estupidez humana realmente existe. E eu via-o como um turista que não levava aquilo a sério para não ficar louco. Se não tivesse lerpado com uma mina, estava agora pior do que eu, tenho a certeza. Mas eu não estou traumatiza-

do, não, eu tenho é saudades da guerra. Deram-nos uma missão importante para cumprir e nós demos a nossa vida por essa missão. Ensinar-nos desde sempre que isso era o nosso dever e ensinaram-nos também a sentir orgulho por ele nos ter sido confiado. Há alguma coisa pior do que descobrir que nos enganaram? Que a nossa missão era um crime e que o nosso dever era uma maldição?

Que fazer agora com os mortos? Como resgatar os inocentes sacrificados? Como reverter a dor depois de sentida?

Tenho saudades de me sentir do lado certo da História, de me sentir um soldado a servir uma causa justa.

Anseio por uma causa justa por que lutar.

Só que me roubaram a fé. Roubaram-me Deus. Fiquei de mãos vazias e sujas de guerra. Não se pode rezar com as mãos sujas de guerra e não se pode ser herói numa ato criminoso.

Roubaram-me Deus e roubaram-me o Diabo, por quem lutarei?

Esfrego a pele para limpar a tatuagem do meu patriotismo e a tatuagem não sai. Amei o meu país com um amor impúbere e fui abandonado por ele, prenhe de pesadelos. A tatuagem das minhas memórias é um ferro em brasa que me não sai do pensamento. Ninguém regressa do inferno inocente, ninguém regressa vivo do calvário.

O que vês, Zulmira, quando fechas os olhos? Será que vês o que eu vejo?

Sou um homem-bomba pronto a explodir de memórias.

Sou um comboio em chamas rasgando a noite escura, exorcizando os fantasmas no meio das trevas da indiferença dos que nunca fazendo perguntas estão sempre de bem com Deus e com o Diabo. Se ao menos ainda te amasse, Zulmira, deitava-me ao teu lado e adormecia ignorante, que o conhecimento incomoda, mas alguém me roubou também o meu amor por ti.

Deixa, ainda assim, meu amor passado, que me deite ao teu lado, deixa que arrefeça esta acha ainda em chamas, tirada da fogueira em que arderam os meus sonhos de criança. Eu, de mim dei o que dão os heróis, mas coube-me o papel errado. Sou um personagem criado por uma história escrita por criminosos.

Esta noite sonhei que era uma criança inocente brincando. Será que acordei para a realidade ou agora sou um velho soldado com que uma criança inocente está a ter um pesadelo?

Tanta coisa acontece na vida de um homem e tanta coisa é esque-

cida, lembramo-nos apenas de meia dúzia de coisas boas, mas das tragédias lembramo-nos bem.

Sei que passei horas de convívio caloroso e camarada como nunca se consegue passar em tempo de paz, porque as coisas escassas são mais preciosas, mas não me recordo de quase nenhuma. E os amigos que fiz e que esqueci? É como se não tivesse vivido esses momentos, porque o que ficou na memória foram sobretudo as experiências dolorosas.

A felicidade é o luxo da mente, e o luxo é uma fraude. Não é real, é um cenário montado para exibir a opulência de uma minoria que ofusque o ruído e o desconforto de que é feita a imperfeição da vida para a maioria. Resta o amor. O amor é sempre possível, mas deveria haver mais do que uma palavra para dizer amor. Há amor que mata e amor que salva, há amor que castiga e amor que redime, há amor que revigora e amor por que se morre.

Dizem que se o amor acaba, é porque não era amor de verdade, então quando um homem morre é porque nunca viveu de verdade também? Que pensa um homem olhando o cano da arma com que vai matar-se? Que nada na sua história merece mais um dia de vida, ou que a sua história é tão preciosa que o futuro previsível não merece ser vivido?

O inflexível arco do tempo não sai nunca do mesmo lugar, nós é que somos perecíveis.

Tudo o que acontece é passado. O que fizemos no passado é que faz de nós o que somos hoje, e o que somos hoje é que dá forma ao passado, que o passado só é passado quando o vemos do presente. Igualmente, o que fazemos agora será passado amanhã; não preparamos o futuro, preparamos um passado que mereça os dias de vida que temos para viver.

Sem ti, Zulmira, para recuperar a ignorância original, recosto-me no sofá, vítima do conhecimento do inferno imposto à minha juventude perdida.

O LP no gira-discos entre estalidos. O cantor cantando o poeta. As lágrimas que não seguro. E as palavras do poeta na voz do cantor, como facas:

Roubam-me Deus, outros o Diabo. Quem cantarei?

Roubam-me a pátria e a humanidade, outros ma roubam.

Quem cantarei?

Um dia cantarás a revolução. Nesse dia, cantor, as lágrimas serão de esperança.

Versão áudio para deficientes visuais no Elo on-line deste mês

Editorial

Por Direção Nacional

Sob o signo da decisão

A ADFA está a viver um período de grande vigor e força associativos. Em preparação para a Assembleia-Geral Nacional Ordinária, a realizar em 24 de Março, na Academia Militar, na Amadora, depois de realizadas as AGD bastante participadas, os associados manifestam vontade de contribuir para a definição das linhas orientadoras para a Associação. Esta missão será cumprida pela ADFA através dos Órgãos Sociais Nacionais que a representam junto de todas as instâncias do Poder, no mandato que os associados derem, com o seu voto imprescindível, neste acto de vitalidade e de participação associativas.

Aguarda-se o agendamento de uma audiência com o senhor secretário de Estado da Defesa Nacional, Marcos Perestrello, interlocutor de confiança e de diálogo com a ADFA, sobre as questões reivindicativas que estão na origem da expectativa dos deficientes militares. São várias as preocupações da ADFA, que também foram muito bem acolhidas no seio da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional, na Assembleia da República, durante o último mês de Dezembro. Entre elas, destaca-se a injusta aplicação do DL 503/99 aos deficientes militares, que é a vergonha nacional que, por várias vezes, o ELO tem denunciado. O controlo de rendimentos imposto sobre as Pensões de Preço de Sangue avilta esse solene compromisso do Estado que já tarda para que seja saldada a dívida do País para com os seus filhos, que, sem o terem escolhido, serviram Portugal durante a Guerra Colonial e que dela voltaram feridos nos corpos e nas mentes, atingindo agora as viúvas dos deficientes militares, as nossas mulheres, mães e enfermeiras de sempre.

Há ainda um elevado número de deficientes militares em serviço que aguardam justiça e, por isso, deve ser adoptada legislação para a sua reparação moral e material.

Para que o edifício legislativo continue robusto, é a força dos associados, em pluralismo, que sempre deve orientar o diálogo da ADFA com os Órgãos de Soberania. Mas falta ainda a resolução urgente de situações que, volvidos mais de 40 anos sobre a Guerra Colonial que nos marcou para sempre, ainda subsistem, teimando no agravamento de uma terceira idade que deveria ser de Paz.

A AGNO que a Academia Militar vai receber será feita da intervenção e da participação neste bem comum que é viver em Associação, cuja vibração vital está nos associados, nas delegações, nos dirigentes, nas famílias e nos colaboradores, por todo o País.

A ADFA avança para, sob o signo da decisão, afirmar o seu legado, a sua matriz e a sua missão, nunca esquecendo que é urgente a mudança, numa evolução natural e participada.

A “Geração da Rutura” não está fechada nas páginas da História e vive, na sua terceira idade, no exercício da Cidadania que exige a dignidade que a todos é devida, no cumprimento da obrigação que ao Estado e à República compete, por tanto dever aos que serviram Portugal num dos momentos mais difíceis da vida da sociedade portuguesa.